



HOMENAGEM AO PROFESSOR DR. JOÃO FRANCISCO DE SOUZA¹

humanizar-se ou desumanizar-se são processos culturais construídos socialmente na história. Culturais, portanto, construções dos próprios seres...

João Francisco de Souza

Trazer ao leitor desta Revista uma memória em forma de homenagem ao Educador João Francisco de Souza é proporcionar aos que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo tomar contato com fragmentos da sua trajetória de vida e produção no campo da educação, e contribuir para que a sua produção intelectual e social seja sempre revisitada e recriada.

João Francisco de Souza nasceu no Sítio Lagoa do Barro, zona rural do Município de Timbaúba, Mata Norte do Estado de Pernambuco, no dia 15 de junho de 1944. Filho de Firmino Farias de Souza e Ana Lira de Souza, era o mais velho de uma família de seis filhos.

Viveu a primeira infância muito próxima à natureza, onde também aprendeu as primeiras letras. Mais tarde sua família se muda para a Cidade de Timbaúba, onde estudou no Colégio Timbaubense.

Ainda Jovem, acompanhava o pai às reuniões da Sociedade dos Filhos de São Vicente de Paula, organização ligada à Igreja Católica, e que tinha por finalidade ajudar os pobres e mais necessitados.

Aos 15 anos de idade veio estudar em Recife, morou na casa do estudante e estudou no Ginásio Pernambucano. Aqui, conheceu Dom Hélder Câmara, tornando-se seu colaborador no Movimento Eclesial de Base. Isso o fez um homem de profunda vinculação religiosa. Participou ativamente da JEC (Juventude Estudantil Católica). Nesse contexto, conheceu, no início dos anos 60, o Movimento de Cultura Popular (MCP), quando teve oportunidade de vivenciar experiências educativas transformadoras, coordenadas por Paulo Freire, de quem se tornou admirador e mais tarde grande amigo. Essa militância na JEC e no MCP o levou a atuar como profissional da equipe de educação cooperativista em programas de reforma agrária.

Sua atuação junto à classe trabalhadora e aos movimentos sociais da periferia do Recife lhe renderam fortes perseguições do Regime Militar. Em 1973, depois da quarta prisão, deixou a Cidade do Recife e foi para São Paulo, onde desenvolveu um trabalho junto a operários da indústria e liderou organizações de moradores junto à Pastoral Operária da Arquidiocese de São Paulo. Novamente perseguido pela polícia, teve que deixar o Estado de São Paulo e fugir para Santa Catarina, onde ficou até 1977.

Já licenciado em Filosofia, atuou como professor no magistério superior e na

¹ Texto-homenagem elaborado pelo professor mestre José Paulino Peixoto Filho, atual coordenador do Curso de Pedagogia da FAFIRE.



educação básica. Em 1978 retornou ao Recife e novamente se dedicou ao trabalho com a Juventude Operária Católica e a Juventude Agrária Católica, ambas ligadas à Arquidiocese de Olinda e Recife, sob a liderança de Dom Hélder Câmara.

Toda essa dedicação de João Francisco de Souza às causas sociais e políticas se fez paralelamente à seriedade e ao compromisso com a vida acadêmica, visto que tão logo fez Mestrado em Economia e Sociologia pela UFPE e Doutorado, bem como o Concurso Público para professor na Universidade Federal de Pernambuco.

Para os que ainda não conhecem a vasta produção desse educador, pesquisador, militante e defensor de um processo de formação significativo, lembremos as palavras de Batista Neto & Eliete Santiago ao afirmarem que a atuação de João Francisco “não se reduz apenas a uma ação sobre o Outro, mas, sobretudo com o Outro, num dado contexto sócio-cultural”.

Por fim, deixemos falar o coração, dizendo que João Francisco de Souza deve ser lembrado como **HOMEM** de fino trato, que foi amado por todos aqueles que tiveram a oportunidade e o privilégio de conhecê-lo. Ele, sobretudo, tinha um profundo respeito pelo ser humano. Sua atuação profissional extrapolou os muros da universidade e, por onde passou, estendeu seu olhar para todos: suas ações se destinavam a crianças, adolescentes, jovens e adultos.

João Francisco nos deixou no dia 27 de março de 2008, aos 63 anos de idade, vítima de assalto, no Município de Camaçari, na Bahia. Deixou um profundo vazio no coração daqueles que, como eu, tiveram o privilégio de conviver, de trabalhar e desfrutar de sua leal e sincera amizade. Deixou uma vasta obra que nos ajuda a pensar um processo educacional cujas bases, fundamentos, princípios e valores estão conectados à vida em suas dimensões intelectuais, emocionais e afetivas.